

## TRABALHO COMPLETO PARA ABRAPSO/2009

**1. Título:** A PRÁTICA PROFISSIONAL DO PSICÓLOGO NA SAÚDE PÚBLICA - EXPERIÊNCIA DE SI E AS ARTES DE TRABALHAR

**2. Autor:** Paula Marques da Silva (UFRGS), Daiana Mello Cargnin (UFRGS), Jaqueline Tittoni (UFRGS), Lúcia Regina Ruidit Dias (UFRGS), Lúcia Helena Réus (UFRGS), Renata Ghisleni de Oliveira (UFRGS),

**3. Endereço eletrônico:** [daianacargnin@yahoo.com.br](mailto:daianacargnin@yahoo.com.br) , [jaquemin@terra.com.br](mailto:jaquemin@terra.com.br)

Este artigo faz um breve apanhado da história da Psicologia no Brasil, das articulações deste aparato técnico, os seus tencionamentos com o campo da saúde coletiva, tomando como referência o trabalho desenvolvido pelos profissionais da saúde, especialmente o profissional psicólogo .

Pretendemos trazer algumas linhas de visibilidade para abordarmos as experiências complexas de trabalho que tencionam os espaços de formação dos profissionais da saúde, os enodamentos institucionais destas práticas e as técnicas e tecnologias aí presente que produzem as artes de trabalhar. As artes de trabalhar são pensadas como um certo modo de trabalhar, um conjunto de práticas que determinam para o sujeito regras de conduta, ou seja, as prescrições que orientam o prática profissional, e também, os contra-fluxos que tencionam-se no trabalho prescrito e operam por meio do trabalho real. O que escapa no trabalho prescrito e se produz no trabalho real porta valores ético-estético que determinam um certo modo de ser trabalhador.

Vislumbramos potencializar aberturas possíveis para tencionar os saberes que sustentam o fazer dos profissionais da saúde, especialmente o do psicólogo no Sistema Único de Saúde (SUS). Deste modo nos interessa percorrer a história e trazer alguns pontos para vislumbrar como vai sendo construído os saberes acerca da saúde pública e os pontos que permitem a confluência com os saberes da ciência psicológica.

Sonia Alberti (1999) vai buscar alguns fatos que marcaram a história e que sustentam o *status* que a psicologia ou a ciência psicológica vai construindo ao longo da história, especialmente na Europa. Esta autora faz algumas pontuações acerca de como a psicologia e a ciência psicológica passa a operar no sistema de saberes e constituiu verdades sobre o sujeito, a saúde e a doença. Alberti na sua pesquisa investiga “Os discursos de psicologia no século XIX no Brasil”, atentando para os saberes que emergiram e engendraram a racionalidade da época. Assim, a pesquisadora marca “três tempos para as teses psicológicas sobre a alma” para denunciar os saberes que operavam naquele momento – 1. O tempo da escolástica 2. O tempo do ecletismo 3. O tempo do organismo - fim da alma. Esses tempos marcam como vai se modificando as teses psicológicas da alma e da mesma forma o movimento que vai se intensificando para que a alma vá deixando de ser um conceito operador na psicologia. Desta forma é possível que haja o deslocamento da psicologia para a ciência psicológica em que outros saberes legitimados como científicos passam a operar. Para Alberti “a questão que fica é a que interroga essa tendência, ou seja: será que foi para se afirmar como ciência? Ou

foi porque a psicologia contemporânea já nasceu no bojo de uma capitalização do saber?” (Alberti, 1999.).

Quando a psicologia funda-se como ciência, em meados do século XIX, encontra-se como foco de investimento os processos de consciência e não tem a pretensão de voltar-se para a discussões e investigações relativas a saúde, pois estabelecia como condição de investigação “indivíduos saudáveis. (GUARESCHI, BERNARDES E MEDEIROS, 2005)

Os saberes psicológicos que passam a ter visibilidade no contexto do século XX operam impulsionados pela ciência positivista que vai objetivar o ser humano por meio das técnicas científicas de esquadramento do corpo vivo possibilitando pelas descobertas da fisiologia. Desta forma, “o que fez a psicologia, por meio dos seus estudos laboratoriais, foi estabelecer uma relação entre mente e organismo, dando status de organicidade e individualismo aos processos cognitivos.” (GUARESCHI, BERNARDES E MEDEIROS, 2005)

A condição de possibilidade para a construção de uma ciência psicológica se sustenta na medida em que a medicina passa a operar como controle social da população. Para se governar a população é preciso uma política de saúde para intervir nas condições de vida. O modelo operador centrado na ciência médica vai designar mecanismos de saber-poder que vão permear o funcionamento da vida e a regulamentação dos corpos. Da mesma forma existe aqui um tipo de poder que não é só do médico, mas da própria sociedade moderna. Os conceitos de saúde vão sendo forjados permanentemente e vão sendo atualizados por meio das regras e ações que estão presentes neste período histórico.

Transpondo para o contexto brasileiro no atual momento se faz importante problematizarmos o Sistema Único de Saúde (SUS), que se materializou por meio de um território de lutas sociais sendo implementado no Brasil pela Constituição de 1988. O SUS se alicerça por meio de um conjunto de princípios como a *Universalidade* do acesso a todos, a *Equidade*, o direito de igual de cada um dos usuários, a *Integralidade* é concebida como um conceito articulador do SUS.

Ao longo da consolidação do SUS foram implementados programas que operam como agenciadores de política pública de saúde. Podemos citar como exemplo, o programa da Saúde da Família (PSF) de 1994 que é uma política de atenção primária a saúde que passa a ter como núcleo central o cuidado às famílias. Essa estratégia quer promover a operacionalização dos princípios e de diretrizes do SUS. A formação dos profissionais da saúde se sustenta formação permanente sendo esta fomentada pela idéia de cuidado integral em saúde no saber-fazer dos profissionais, docentes, gestores, usuários sendo todos co-responsáveis pela produção da saúde.

Outra estratégia que marca a atualidade é o Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde (Pró-Saúde). As políticas públicas têm procurado desfazer o modelo tradicional de organização do cuidado em saúde, centrados na doença e no atendimento hospitalar, com vistas a potencializar a integração ensino-serviço, visando à reorientação da formação profissional assegurando uma abordagem integral do processo saúde-doença com ênfase na Atenção Básica, promovendo transformações na prestação de serviços à população.

Esse estudo adquire relevância na medida em que se propõem a provocar os saberes cristalizados acerca das práticas profissionais do psicólogo no SUS, buscando

re-pensar as políticas públicas voltadas para as articulações existentes entre as Instituições de Ensino Superior e o servidor público de saúde. Existem estudos que discutem os processos de subjetivação de equipes de profissionais da saúde, no qual podemos citar NARDI et al, 2005; RAMMINGER, 2005; RIBEIRO, 2002; as articulações entre a psicologia e a saúde pública, BENEVIDES, 2005; CECCIM e FEUERWERKER 2004 e CECCIM, a prática profissional em saúde.

Utilizaremos o aparato foucaultiano para pensarmos as experiências complexas de trabalho no âmbito da saúde pública, a reorientação da formação acadêmica dos profissionais da saúde e o conceito em construção que é o formação em serviço. Foucault por meio de suas pesquisas explicita como o sujeito se constitui em determinado tempo e espaço, e ainda, a subjetividade como “a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo.” (2006 p. 236). Desta forma, queremos transitar por essa vertente a fim de pensar a subjetividade produzida no trabalho, especificamente, como vem se produzindo efeitos de verdade no interior dos discursos que sustentam as experiências do trabalhador da saúde.

Foucault (2006) pontua que a subjetivação e a objetivação não são independentes, possuem uma ligação recíproca que se origina nos jogos de verdade produzido nos diversos contextos históricos. A verdade é então produzida historicamente por meio dos jogos de verdade que são um conjunto de regras no qual está posto o falso e o verdadeiro. E ainda, “(...) uma análise dos ‘jogos de verdade’, dos jogos do verdadeiro e do falso através dos quais o ser se constitui historicamente como experiência, ou seja, como podendo e devendo ser pensado.” (Foucault, 2004, p.195). O sujeito se constitui no interior da norma que faz dele objeto de conhecimento e fazendo, no interior dos jogos de verdade, a experiência de si.

Não nos propomos analisar os comportamentos e nem as idéias senão problematizar os regimes de verdade que os sujeitos produzidos nesta sociedade fazem funcionar como verdadeiros. E ainda, nos interessa as técnicas e tecnologias que são valorizadas no nosso contexto para a obtenção da verdade. No interior dos jogos de verdade é atribuído ao verdadeiro efeitos específicos de poder.

O poder, aqui, compreendido como emanando de todas as coisas, sendo uma prática social que se atualiza na história. Foucault afirma que o poder são práticas ou relações se realizando na vida pragmática da sociedade. Assim, “a verdade” está circularmente ligada a sistemas de poder, que se produzem e se apóiam, e a feitos de poder que ela induz e que a reproduzem.

“O poder não se funda em si mesmo e não se dá a partir de si mesmo. Se preferirem, simplificando, não haveria relações de produção mais – ao lado, acima, vindo a *posteriori* modificá-las, perturbá-las, torná-las mais convenientes, mais coerentes, mais estáveis - mecanismos de poder.” (FOUCAULT, 2008, p.4).

“Os mecanismos de poder são parte intrínseca de todas essas relações, são circularmente o efeito e a causa delas, mesmo que, é claro, entre os diferentes mecanismos de poder que podemos encontrar nas relações de produção, nas relações familiares, nas relações sexuais, seja possível encontrar coordenações laterais, subordinações hierárquicas, isomorfismos, identidades ou analogias técnicas, efeitos encadeados que permitem percorrer de uma maneira ao mesmo tempo lógica, coerente e válida o conjunto dos mecanismos de poder e apreendê-los no que podem ter de específico num momento dado, durante um período dado, num campo dado.” (FOUCAULT, 2008, p.4-5).

A análise das relações de poder está imbricada na análise global da sociedade, ligada as transformações históricas e econômicas, conforme as táticas de poder (FOUCAULT, 2002). Quais são os efeitos de saber produzidos na sociedade e o embate destes efeitos num campo de forças?

Também queremos nos atentar que a construção do poder se dá dentro do discurso. Conforme Foucault (2008):

“(...) não há, (...) discurso teórico ou simplesmente análise que não seja de uma maneira ou de outra percorrida ou embasada em algo como um discurso no imperativo.” (FOUCAULT, 2008, p.5).

“(...) um campo de forças que nunca um sujeito falante pode criar sozinho e a partir de sua palavra; é o campo de forças que não se pode de maneira nenhuma controlar nem fazer valer no interior deste discurso.” (FOUCAULT, 2008, p.6).

O poder ocorre dentro dos discursos teóricos, os quais buscam a verdade. Mas, que verdade é esta? A verdade científica, que impera o lugar da ciência no lugar anterior das ciências plurais, seguindo os estudos de Foucault (2002). Logo, o nosso discurso teórico refere uma prática política.

Assim, que lugar a psicologia como produtora saberes acerca da saúde coletiva passa a figurar na rede pública de saúde? Como se organizam as práticas dos psicólogos na atenção básica? Que práticas podem emergir deste emaranhado de discursos que operam na tensão do modelo tradicional de organização do cuidado em saúde e a abordagem integral do processo saúde-doença? Como o Pró-Saúde pode vir a potencializar a formação em serviço? Que campo de possibilidade se abre para que o psicólogo possa produzir uma arte de trabalhar?

Os questionamentos acima pontuados ficam em aberto para que possam ser investigados no correr da pesquisa e serão disparadores para (re)pensar o trabalho que o psicólogo produz no Sistema Único de Saúde, especialmente na Atenção Básica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENEVIDES, Regina. A psicologia e o sistema único de saúde: quais interfaces? **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, ago. 2005. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822005000200004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822005000200004&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 22 jun. 2009.
- CECCIM, Ricardo Burg; FEUERWERKER, Laura C. Macruz. Mudança na graduação das profissões de saúde sob o eixo da integralidade. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 5, out. 2004. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2004000500036&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2004000500036&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 27 jun. 2009.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- \_\_\_\_\_, Michel. Verdade, poder e si mesmo. In: **Ética, sexualidade, política: ditos & escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b. p. 295-318
- \_\_\_\_\_, Michel. O uso dos prazeres e as técnicas de si. In: **Ética, sexualidade e política. Rio de Janeiro**. Forense Universitária. 2004. P. 192 - 217
- \_\_\_\_\_, Michel. **História da sexualidade II: O uso dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

\_\_\_\_\_, Michel. **Em defesa da sociedade**. *Curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Segurança, território, população**. *Curso no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

JACÓ-VILELA, Ana Maria; JABUR, Fabio; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. (Org.). **Clio-psyché: histórias da psicologia no Brasil**. Rio de Janeiro. UERJ, NAPE, 1999. Disponível em:

<http://www.cliopsyche.uerj.br/livros/cliol/historiadapsicologia.htm>. Acessado em: 10 de outubro de 2009.

MARASCHIN, Cleci. **Pesquisar e intervir**, v. 1, n. 1, p.98-107, 2004.

MEDEIROS, Patricia Flores de; BERNARDES, Anita Guazzelli; GUARESCHI, Neuza M. F.. O conceito de saúde e suas implicações nas práticas psicológicas. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 21, n. 3, dez. 2005. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722005000300002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722005000300002&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 out. 2009.

NARDI et al. NARDI, Henrique Caetano; TITTONI, Jaqueline e RAMMINGER, Tatiana. **Fragmentos de uma genealogia do trabalho em saúde: a genealogia como ferramenta de pesquisa**. *Cad. Saúde Pública* [online]. 2005, vol. 21, no. 4. p. 1045-1054. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102311X2005000400007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2005000400007&lng=pt&nrm=iso) >. ISSN 0102-311X. Acessado em: 30 de Novembro de 2008.

RAMMINGER, Tatiana. **Trabalhadores de saúde mental: reforma psiquiátrica, saúde do trabalhador e modos de subjetivação nos serviços de saúde mental**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional. Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2005

NEIVA-SILVA, Lucas; KOLLER, Sílvia Helena. O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 7, n. 2, jul. 2002. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2002000200005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2002000200005&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 02 julho. 2009.